

“CONHECENDO MEU ESPAÇO DE VIVÊNCIA”: PIBID EM AÇÃO NO COLÉGIO MUNICIPAL AURINO FAUSTO DOS SANTOS EM JENIPAPO, UBAÍRA-BA

Aline dos Santos Lima* Doutora em Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: aline.lima@ifbaiano.edu.br

Emilina Isabel da Costa Neta Souza Licenciada em Geografia. SEC-Ubaíra. E-mail: emilinaisabel@hotmail.com

Josenildo Almeida dos Santos Licenciando Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: josenildo625@gmail.com

Marco Antônio Reis Rodrigues Mestre Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: marco.rodrigues@ifbaiano.edu.br

Maíra Vitória Moreira dos Santos Licenciando Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: moreiravitoria35@gmail.com

Viviane Guedes dos Santos Licencianda Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: guedesviviane85@gmail.com

Valdiane Silva Cruz Licencianda Geografia. IF Baiano - Campus Santa Inês. E-mail: valdycruz730@gmail.com

* Autor correspondente

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) faz parte do Plano Nacional de Formação de Professores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que, por sua vez, é vinculada ao Ministério da Educação (MEC). O Programa tem como objetivo oportunizar, desde a primeira metade do curso, estudantes de licenciatura tenham contato com o ambiente escolar. Ao inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, o Programa valoriza o magistério e contribui para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes (BRASIL, 2018).

No âmbito do IF Baiano, o Pibid vem contribuindo com o processo de formação inicial de professores desde 2011¹. Entre agosto de 2018 e janeiro de 2020, 30 licenciandos do curso de Geografia do Campus Santa Inês participaram das ações do Programa – em escolas dos municípios de Jaguaquara, Santa Inês e Ubaíra² – através do subprojeto “Interloquções entre a educação básica e a formação docente no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá: olhares sobre a realidade local”³.

Uma parte desses estudantes participou como bolsista de iniciação à docência no Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos (CMAFS), localizado na comunidade de Jenipapo, no município de Ubaíra (Figura 1). Ao longo dos dezoito meses, os pibidianos, como são chamados os estudantes vinculados ao Programa, desenvolveram uma série de ações voltadas para a disciplina Geografia na escola parceira. Dentre as atividades realizadas, destaca-se o projeto “Conhecendo meu espaço de vivência”.

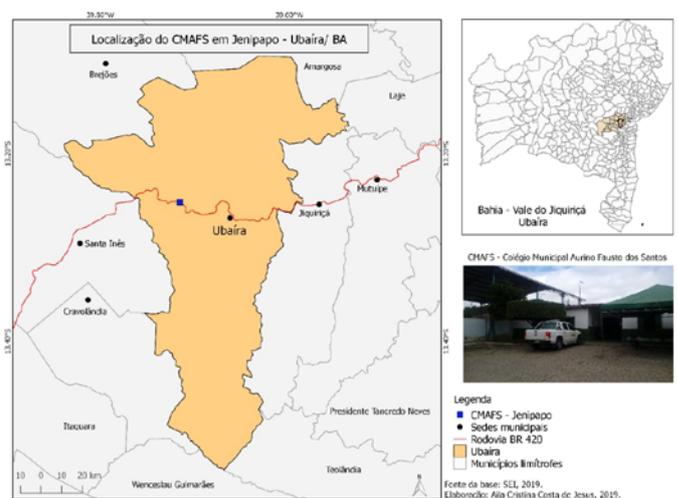
Tendo em vista que o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, sua problematização associada à realidade dos estudantes é de fundamental importância, pois possibilita que os conteúdos trabalhados em sala de aula deixem de ser abstratos e passem a ser mais concretos. Nesta linha, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (PCNs), salientam a importância de se “procurar valorizar o seu lugar de vida, tendo sempre o cuidado de lançar mão de uma didática que valorize a experiência do aluno com o seu lugar de vida” (BRASIL, 1998, p. 51).

Diante disso, é fundamental trabalhar, sempre que possível, os conceitos geográficos a partir dos espaços que são familiares dos estudantes,

do seu lugar de vivência. É importante registrar que lugar é uma categoria de análise da Geografia. Contudo, tal categoria vai passando por modificações teórico-metodológica ao longo da história do pensamento geográfico.

Figura 1 - Localização do Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos.

FONTES: SEI (2019). Elaborado pela autora.



Para a Geografia Crítica, o conceito de lugar não diz respeito somente aos aspectos subjetivos e de pertencimento que o sujeito acaba estabelecendo com o espaço vivido, e sim, uma construção social. Nesse sentido, Moreira & Hespanhol (2014, p. 58), afirmam que

Diferentemente da Geografia Humanística que considerava apenas os elementos internos como responsáveis pela construção do lugar, a corrente crítica subsidia seus estudos com análises mais abrangentes, isto é, incorporando a ação dos fenômenos externos. Assim, o lugar deixa de ser um mero espaço vivido e passa a ser uma construção socioespacial.

¹ O IF Baiano já foi contemplado com três projetos institucionais do Pibid: Práxis pedagógica e a formação docente: diálogos entre as escolas e as licenciaturas - Edital CAPES 01/2011; Práxis pedagógica que (trans)forma: da iniciação à docência à perspectiva transdisciplinar na Educação Básica - Edital CAPES 61/2013; Multireferencialidade e inovação à docência: interloquções entre a educação básica e a formação docente - Edital CAPES 07/2018.

² Os três municípios citados estão situados no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá. Este recorte espacial é composto por 20 municípios, são eles: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra (SEPLAN, 2019).

³ O projeto institucional aprovado no Edital 07/2018 era formado por cinco subprojetos, a saber: Geografia no Campus Santa Inês; Química, com o subprojeto Desenvolvimento dos saberes formativos para o Ensino de Química, nos Campi Catu e Guanambi; Biologia, com o subprojeto A pesquisa como princípio da prática pedagógica no ensino de Ciências: identificação de dificuldades no ensino/aprendizagem e a produção de alternativas de superação, no Campus Santa Inês; e Ciências da Computação, com o subprojeto Alternativas tecnológicas contribuindo com a aprendizagem na Educação Básica, no Campus Senhor do Bonfim.

Por sua vez, Pontuschka et. al. (2009, p. 136), quando discutem sobre a variação do conceito de lugar e a importância de se trabalhar com temas locais, apontam que

[...] apesar das diferenças, há certo consenso sobre a noção de que a prática pedagógica na disciplina escolar Geografia deve começar pelo lugar de vivência do aluno, explorando todo potencial de seu conhecimento prévio e, com base nele, introduzir os conceitos científicos dominados pelo professor. É no conhecimento local que estão as fontes que servirão de parâmetros para o aluno atingir o conhecimento espacial de outras realidades.

Desse modo, o objetivo do presente trabalho é discorrer sobre as atividades realizadas através do projeto “Conhecendo meu espaço de vivência” no Colégio Municipal Aurino Fausto dos Santos. Por sua vez, o citado projeto propunha analisar as transformações ocorridas na comunidade de Jenipapo, possibilitando que os estudantes participassem do processo de construção do conhecimento sobre o seu lugar de vivência.

Metodologicamente o projeto “Conhecendo meu espaço de vivência” – que teve duração de 3 meses e aconteceu na primeira unidade do ano letivo de 2019 – teve as seguintes etapas: 1) elaboração de planos de ação, que serviram como suporte para construção das atividades desenvolvidas no projeto; 2) apresentação do projeto ao corpo docente e aos estudantes; 3) atividades em sala de aula (discussões sobre conteúdo/ realidade local; construção de paródias, maquetes, poemas, cordéis); 4) saída de campo; 5) culminância do projeto.

DESENVOLVIMENTO

CMAFS: CAMINHOS PERCORRIDOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Em 2019, o Colégio Aurino contava com 151 estudantes (Quadro 1) matriculados no Ensino Fundamental II com aulas nos turnos matutino – quatro turmas do 6º ao 9º ano – e vespertino – três turmas do 6º ao 8º.

Quadro 1 - Número de estudantes CMAFS por turma e sexo.

FONTE: CMAFS (2019). Elaborado pela autora.

Turma	Nº de meninas	Nº de meninos	Total de alunos
6ºA	8	21	29
7ºA	14	12	26
8ºA	11	14	25
9ºA	10	9	19
6ºB	9	8	17
7ºB	9	12	21
8ºB	7	7	14

A maioria dos estudantes do CMAFS são filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras rurais de Jenipapo e de outras comunidades, e, embora a escola esteja localizada numa área rural, ela recebe um número considerável de estudantes da sede do município. Diante dessa diversidade de estudantes e cientes da importância de trabalhar a partir da realidade dos mesmos que o projeto “Conhecendo meu espaço de vivência” foi pensado.

Como já sinalizado, o projeto foi dividido em etapas. Primeiramente, os PIBIDIANOS, sob a orientação da professora de Geografia do CMAFS e supervisora do PIBID⁴, elaboraram a propostas e fizeram sua apresentação para a comunidade escolar. Com a anuência de todos os segmentos do Colégio, o projeto foi executado conforme relatado a seguir:

Elaboração de questionário para coleta de dados sobre a população da comunidade

Essa parte do projeto foi realizada exclusivamente pelos bolsistas/voluntários do PIBID e professora supervisora do Programa. Em primeiro lugar, os PIBIDIANOS elaboraram um questionário para moradores da comunidade de Jenipapo. Em seguida, apenas os estudantes do 9º aplicaram os questionários com 133 moradores da comunidade de Jenipapo. Essa atividade foi proposta com dois objetivos: buscar informações sobre a população da comunidade (sexo, idade, cor, ocupação, religião, escolaridade) e envolver os/as estudantes do 9º em atividades de pesquisa, uma vez que essa atividade ocorreu através de trabalho de campo.

Atividades desse cunho se fazem importantes, principalmente em escolas públicas, tanto no que diz respeito ao processo formativo dos estudantes envolvidos, quanto pelo fato de a pesquisa pouco se fazer presente nesses espaços. Assim, são válidas as observações de Galdino (2016), ao considerar que o ensino de Geografia não deve ser pautado somente no livro didático, mas sim em procedimentos metodológicos que sejam investigativos e atrativos para os estudantes. Em consonância, para Freire (1996, p. 29; 47), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” uma vez que para esse educador “... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Saída de campo

Foram realizadas três saídas de campo organizadas de acordo com o turno de aulas dos estudantes. A primeira, realizada com todas as turmas do CMAFS, teve como objetivo observar a paisagem da comunidade e identificar as transformações ocorridas no espaço geográfico.

Na educação geográfica, as saídas de campo, possuem um maior potencial didático e possibilitam uma maior aprendizagem através da observação direta dos territórios e das paisagens [...] Através da observação in loco, o aluno descreve o que é visto, sendo muito importante para se interpretar os fenômenos geográficos, resultantes da interação do homem com o meio envolvido. (AGUIAR, 2016, p. 9)

O principal lugar visitado foi a antiga estação ferroviária (Figura 2). Com base em Jesus (2007), no Vale do Jiquiriçá haviam nove estações ferroviárias da *Train Road Nazareth*⁵, uma delas era a de Jenipapo.

Figura 2 - Jenipapo, Ubaíra-BA: o passado e o presente da estação ferroviária.

FONTE: JESUS, 2007.

FONTE: Autora, 2019.



⁴ Na medida em que uma instituição de ensino superior aprova um projeto institucional, ela precisa selecionar bolsistas de iniciação à docência e professores supervisores para acompanhá-los. Os professores supervisores precisam ter formação na área do subprojeto e compor o quadro docente da escola parceira.

⁵ Segundo Lima (2017), o primeiro trecho da Estrada de Ferro de Nazaré, inaugurado em 1875, partia de Nazaré, atravessando o Vale do Rio Jiquiriçá até alcançar seu ponto extremo em Jequié, uma distância de 290 km que só foi completada em 1927. O principal objetivo desta ferrovia era o escoamento da produção agrícola ligando as zonas produtivas do interior com os portos do litoral. A linha férrea incluía, também, serviços urbanos agenciados regionalmente como telégrafo, correio e outras atividades sociais e comunicativas, como o transporte de passageiros. Isso ocorreu até a decadência da ferrovia, a partir de 1945, ou seja, quando houve a ‘morte do trem’ e a progressiva implantação do sistema rodoviário.

Ainda de acordo com Jesus (2007, p. 37), a comunidade de Jenipapo “teve um passado de glória durante o período de funcionamento da ferrovia. Os moradores residiam no entorno da estação, a qual funcionava como a mola propulsora para a economia local”.

A segunda saída de campo (Figura 3), também realizada com todas as turmas, teve como objetivo entrevistar os moradores mais antigos da comunidade com o propósito de compreender a dinâmica socioespacial de Jenipapo. A terceira e última saída de campo foi realizada somente com os estudantes do 9º ano, pois a finalidade era aplicar o questionário elaborado pelos bolsistas/voluntários do Pibid.

Figura 3 - Saída de campo com estudantes do CMAFS. FONTE: Autora, 2019.



A conversa estabelecida com os moradores durante as entrevistas e a aplicação dos questionários permitiram construir uma série de impressões sobre a comunidade. Um dado importante foi a origem do nome Jenipapo. A toponímia estaria relacionada a existência de um jenipapeiro (ou “pé de jenipapo”) próximo à estação ferroviária. Mas, antes da adoção do nome de uma árvore da família das rubiáceas⁶ a comunidade tinha a alcunha de Patioba.

⁶ Jenipapeiro é uma “árvore da família das rubiáceas (...) de folhas oblongas e agudas, flores longas, tubulosas e alvas, e cujo fruto, o jenipapo, é uma baga fortemente aromática” (FERREIRA, 1999, p. 1159).

No que se refere a ocupação dos moradores, contou-se que trabalham ou trabalham em fazendas – no plantio de mandioca, milho e feijão – e em olarias, na construção de telhas e tijolos vendidos na comunidade e nos municípios vizinhos.

Outro aspecto mencionado foram as festas populares. Os relatos apontam que a comunidade promove festejos de cunho religioso como, por exemplo, as comemorações em devoção a São João, São Pedro, Santo Antônio e São José, sendo que, no mês de março, acontece a lavagem da igreja em comemoração ao santo considerado pai terreno de Jesus.

Outro ponto abordado nas conversas é o da desativação do transporte ferroviário na região. Alguns moradores, inclusive, trabalharam na construção da rodovia (BR 420) que substituiu os trilhos. A mudança no modal de transporte, assim como as transformações relacionadas a infraestrutura, educação e saúde, são avaliadas por um dos entrevistados do seguinte modo: “Antigamente tinha que ir para Salvador, para se formar lá, agora já estuda por aqui mesmo. Agora está beleza, tem escola, tem posto, tem creche, tem tudo. Antes não tinha nada disso” (TRABALHO DE CAMPO, 2019)

A partir dos relatos das pessoas da comunidade, fica evidente como que “a memória de um povo não está somente fechada em um museu: também está a volta dos indivíduos que o compõem, onde há sinais que explicam o jeito de ser e a cultura desse povo” (PONTUSCHKA *et. al.*, 2009, p. 183). Dessa maneira, se ratifica a importância de conhecer o lugar de vivência a partir das experiências contadas pelos moradores e moradoras, para ajudar a compreender a realidade e a cultura local em articulação com a escala global.

Somado a isso, segundo Pontuschka *et. al.* (2009, p. 183) “quando grupos de alunos, coordenados por professores, realizam uma pesquisa de campo no local em que vivem ou em lugares mais distantes, passam a reconhecer e valorizar o patrimônio cultural de seu lugar e de seu país”. Neste sentido, é importante registrar que o projeto “Conhecendo meu espaço de vivência” teve duração de apenas três meses, mas, ao longo de todo ano letivo 2019, a disciplina Geografia problematizou a escala local e o significado de lugar para os estudantes do CMAFS.

Assim, ao longo de um processo, também foi possível apreciar as impressões acerca da categoria lugar para os estudantes do Colégio Aurino. Tais impressões foram observadas a partir da aplicação de um questionário, na última semana de aula de 2019, com o propósito de avaliar as ações desenvolvidas durante do Pibid. Uma das questões ilustrativas foi a seguinte: “Os projetos realizados através do Pibid colaboraram para que você analisasse o seu lugar de vivência? Por quê?”. Selecionamos aleatoriamente algumas das respostas (Quadro 2).

Quadro 2 - Importância das ações do Pibid para significação da categoria lugar para os estudantes do CMAFS. FONTE: CMAFS (2019). Elaborado pela autora.

Pergunta	Respostas
Os projetos realizados através do Pibid colaboraram para que você analisasse o seu lugar de vivência? Por quê?	“Sim, porque nos ensinou que devemos amar nosso lugar de morada” – resposta estudante Amorosidade ⁷
	“Sim, pois passei a ver melhor o meu lugar e aprendi a protegê-lo” – resposta estudante Bom senso
	“Sim! E me conscientizou a dá mais valor ao lugar onde moro” – resposta estudante Comprometimento
	“Sim! Os projetos me ensinaram a cuidar do lugar em que moro de forma diferente” – resposta estudante Criticidade

⁷ Para não expor os estudantes resolvemos nomeá-los com base no livro Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire. Nesta obra, o educador discorre sobre os saberes que são fundamentais para a prática docente, dentre eles, amorosidade, bom senso, comprometimento e criticidade.

Cabe ressaltar que o questionário, aplicado com 83 estudantes do Colégio, não buscou investigar somente sobre a importância do projeto aqui mencionado, mas, teve como objetivo analisar a contribuição do Subprojeto Geografia para o processo de ensino-aprendizagem durante os 18 meses do Programa no CMAFS. As respostas de caráter qualitativo expostas no Quadro 2 sintetizam os dados quantitativos, pois a opinião de 68 estudantes que responderam ao questionário (82%), demonstrou que o projeto “Conhecendo meu espaço de vivência” e as ações do Pibid, ao abordar a realidade local, contribuíram de maneira positiva para a construção do conhecimento sobre o lugar de vivência dos/as estudantes.

Dessa forma, resultados como estes deixam explícito também a importância do Pibid e de projetos que busquem trabalhar a partir dos sa-

beres dos estudantes e de sua realidade. Somado a isso, experienciar o ambiente escolar, sobretudo antes do Estágio Supervisionado obrigatório, contribui de maneira positiva tanto para a formação profissional do bolsista/voluntário, quanto para a escola que é contemplada com o Programa.

Culminância do projeto

A culminância do Projeto (Figura 4) foi o momento onde as atividades propostas em sala de aula foram apresentadas pelos estudantes a toda comunidade escolar e visitantes. Neste espaço os estudantes apresentaram os materiais elaborados por eles, como: paródias; maquetes; poemas; cordéis; textos e dados sobre a população e a comunidades onde vivem e/ou estudam. Estes materiais foram construídos com ajuda dos bolsistas/voluntários, professora supervisora e professores das disciplinas envolvidas (artes, história, matemática e português).

Figura 4 - Culminância do Projeto "Conhecendo meu espaço de vivência".

FONTE: Autora, 2019.



Na ocasião, houve também uma roda de conversa com alguns moradores da comunidade. Durante a roda, os convidados relataram sobre as transformações ocorridas na comunidade a partir da sua experiência de vida e reforçaram a importância da educação. Esse momento permitiu uma troca de saberes entre a escola e comunidade, dessa forma, estreitando laços e fortalecendo relações na busca por uma educação emancipatória e que dá voz a sujeitos que tiveram esse direito negado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi exposto conclui-se que as ações do projeto "Conhecendo meu espaço de vivência" envolveram os estudantes no processo de construção do conhecimento, possibilitando, inclusive, conhecer seu espaço de vivência a partir dos conteúdos das várias disciplinas do Ensino Fundamental II. Outro ponto relevante, foi que o projeto proporcionou a participação da comunidade local no espaço escolar permitindo que alguns moradores expusessem suas opiniões acerca das transformações ocorridas no espaço geográfico de Jenipapo.

Por fim, cabe salientar que o Pibid, ao proporcionar a participação de professores em formação na escola básica construindo ações como o "Conhecendo meu espaço de vivência", se coloca como um programa fundamental, pois: permite o aprimoramento da prática docente a partir da observação em sala de aula e no ambiente escolar, além de possibilitar o pensar e o elaborar de novas práticas metodológicas, facilitando, portanto, o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. D. B. **A pertinência da saída de campo no processo de aprendizagem de História e Geografia. O caso do Douro vinhateiro.** Porto-Portugal: Universidade do Porto, 2016. (Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de História e Geografia do Ensino Básico e Ensino Secundário).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Chamada pública para apresentação de propostas Edital 07/2018 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 1 mar. 2018. Seção 3, p. 23.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção. Leitura).

GALDINO, E. **O ensino da geografia a partir do estudo do entorno da escola:** a aula de campo como encaminhamento metodológico. Curitiba: SEC-PR, 2016. (Cadernos PDE, v. 2 – Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE 2016).

JESUS, Elenildo Café de. **Mudanças na paisagem física e social associadas à Ferrovia Estrada de ferro de Nazaré no Vale do Jiquiriçá, Bahia.** Ilhéus-BA: UESC, 2007. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente).

LIMA, Aline dos Santos. **A territorialização do capital na lavoura de mandioca:** a educação pelo trabalho da Aliança Estratégica do Amido no município de Laje (BA). Salvador: UFBA, 2017. (Doutorado em Geografia).

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, n. 14, volume 2, p. 48-60, 2014.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

SEPLAN. Secretaria do Planejamento da Bahia. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/>>. Acesso em: 17 out. 2019.